

APARECIDA: ESPERANÇAS E TEMORES!

* Professor de teologia moral no ITESP.

*Luiz Augusto de Mattos**

Resumo:

Luiz Augusto de Mattos diante da realidade da Igreja na América Latina, sustenta que a compreensão das mudanças estruturais, religiosas e culturais ocorridas nas últimas décadas é fundamental para entender a situação eclesial atual. Em termos internos, retoma as idéias de discipulado e de opção pelos pobres como centrais para a Igreja na busca do Reino e nos passos de sua realização. Alguns temores, em vista da V CELAM são apresentados: o lugar da mídia, a tecnologia da vida e as respostas incompletas dadas pela Igreja aos problemas que advêm destes campos. Novas idéias quanto ao modelo político, às relações culturais e societárias são apresentadas na forma de sugestão.

Palavras-chave: Igreja; América Latina; Bioética; Discipulado; Opção pelos Pobres.

Abstract:

Luiz Augusto de Mattos having in mind the Catholic Church in Latin America, argues that religious, cultural and structural shifts are central in order to understand its the nowadays situation. Having an eye in the internal ecclesiastical realm he sustains that Discipleship and the Option for the Poor are the core subject of this moment if Church had in mind its mission here in Latin America. Even so, some fears are in the horizon: how to deal with the media culture? How answer some critical questions coming up from the modern technology, mainly those related to the sciences of the life? In the social field, some subjects like political models, cultural relationships and social structures are really meaningful in this moment.

A Igreja latino-americana e caribenha está às vésperas da V CELAM a ser realizada em Aparecida. Conferência que, à luz da fé e da esperança, deve e pode ter um clima de agraciamento para a caminhada da Igreja e da sociedade.

Em acontecimentos como esse sempre surgem questões como: O que se decidirá em termos de futuro para a Igreja? Haverá avanços, inovações ou recuo, nada de inovação? Será uma Conferência que motivará e fundamentará uma prática pastoral para as próximas décadas? Os cristãos(ãs) engajados(as) nas instituições da sociedade civil e nas lutas em favor de uma sociedade sustentável e mais justa se sentirão percebidos e respaldados? Os grandes desafios para a Igreja e para sociedade contemporânea estarão permeando os debates e decisões da Conferência?

Levando em consideração o lema da V CELAM, *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. 'Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida' (Jo 14,6)*, o Documento de Participação e posicionamentos de alguns teólogos latino-americanos, procurarei levar a cabo uma reflexão simples e curta no intuito de contribuir com o debate em torno da Conferência.

1. DESAFIOS DA REALIDADE ATUAL

Procurar refletir a respeito da V CELAM exige compreender pelo menos o que ocorre em nossa realidade nas esferas do sócio-econômico, do cultural e do religioso. É partindo desse chão real e provocador que se poderão enxergar as necessidades e os desafios daqui para frente. Viver o discipulado assumindo uma missionariedade eficaz e profética dentro do contexto, cobra sempre uma lucidez crítica a respeito do que ocorre em âmbito societário.

1.1. Análise estrutural

Uma análise *estrutural* do nível sócio-econômico atual revela que a América Latina e o Caribe estão mergulhados numa sociedade dinamizada pelo Capitalismo neoliberal. Isso implica o surgimento da exclusão da grande maioria, a supervalorização do crescimento da economia ou da produção em detrimento da promoção humana dos pobres, o aumento do poder nas mãos dos que detêm a (bio)tecnologia e o arsenal bélico,

um desemprego estrutural e uma má distribuição da renda que provoca sempre mais o fosso entre os ricos/poderosos e os pobres/excluídos, o poder do capital financeiro e especulativo em nossa realidade destrói a soberania da nações e às deixa sujeitadas ao poder global vindo das corporações mundiais; vale dizer, com o neo-colonialismo ou neo-imperialismo os antigos dominadores e exploradores das colônias têm no sistema comercial e financeiro internacional os mecanismos que fazem dos Continentes empobrecidos dependentes de um *centro financeiro hegemônico*. E mais: em meio a centenas de milhões de empobrecidos surgem na sociedade as *ilhas de prosperidade* e uma abundância de produção de alimentos, vestuários, aparelhos eletrodomésticos e o avanço de uma produção sofisticada no campo da informática. Nessa sociedade consumista não falta mercadoria para um sofisticado e grande consumo por parte da nova burguesia.¹

¹ *Pela primeira vez na história da humanidade, não há o perigo da escassez: a abundância venceu a escassez! Entretanto, também pela primeira vez na história da humanidade, a pobreza é produzida pela riqueza. Há escassez porque a riqueza se alimenta da escassez da maioria.* Cf. A. BRIGHENTI, *Fazer teologia desde a América Latina. Novos desafios e implicações semânticas e sintáticas.* Em *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, (2006), 38 (2006), p. 215.

² Cf. A. BRIGHENTI, *A missão evangelizadora no contexto atual.* Realidade e desafios a partir da América Latina. São Paulo, Paulinas, 2006.

³ Idem, p. 23.

Também no campo econômico ocorre uma nova revolução: o advento de uma *sociedade do conhecimento*.² A atual fase do capitalismo apresenta a propriedade do conhecimento como a verdadeira propriedade. *Com isso, mergulhamos na era do acesso, do acesso à informação, do acesso ao conhecimento. O poder está nas mãos já não mais de donos de capital ou dos meios de comunicação mas daqueles que produzem conhecimento e informação. (...) Assim sendo, os novos excluídos são os não-conectados, os que não têm acesso ao conhecimento.*³

Essa situação estrutural do nível social e econômico — que acarreta uma assimetria entre os integrados no Mercado e os excluídos — tem contribuído para o aparecimento da violência desproporcional, da biopirataria ou destruição do meio ambiente, da mendicância, das famílias desorientadas, da favelização, do narcotráfico, da orfandade política, da falta de cidadania. Faz sentido afirmar que a raiz da crise social vem do sonho de superar a condição humana através da acumulação ilimitada de riqueza, fato que culmina na destruição do meio ambiente e na exclusão da maioria da população.

1.2. Mutação cultural

Outro fator que tem determinado os rumos da sociedade ocidental, América Latina e Caribe no meio, é a *mutação cultural*.⁴ O que ocorre é uma verdadeira *mudança radical da cosmovisão* — isso significa vivenciar uma diferente autocompreensão da existência, uma outra concepção da vida e da história humanas. *Hoje se dá a passagem do social ao cultural*, com o protagonismo do indivíduo sobre as instituições. O indivíduo se destaca como hipernarcisista, hiperindividualista e

⁴ Cf. C. PALÁCIO, *O cristianismo na América Latina. Discernir o presente para preparar o futuro.* Em *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, 34 (2004), pp. 174-177.

hiperconsumista. Como também a sociedade enfrenta a mentalidade do provisório, do descartável, do efêmero e do passageiro. Não existe a preocupação com o eterno, o perene, ou a vivência a partir da perseverança e da persistência. Por isso, pode-se afirmar que *a rapidez vertiginosa com a qual em pouco mais de três décadas modificaram-se instituições, hábitos, costumes, valores, etc. na sociedade ocidental são o indício mais claro de que essas transformações atingem não só os fenótipos da visão cultural do mundo mas modificam os seus genótipos e colocam-nos, portanto, diante de uma verdadeira mutação da cultura.*⁵

⁵ Idem, p. 175.

Lendo o *Documento de Participação* fica clara a ênfase no ser humano sem-sentido, que está em busca da felicidade. A preocupação é com o existencial daquele que vive uma crise com o vazio de sentido, com a busca de respostas para questões como: o porquê e o para quê da existência, a destinalidade da vida, a importância da pessoa humana.

O Documento de Participação põe como ponto de partida o homem-sem-sentido ou mais concretamente em busca da felicidade (N. 1). *A felicidade é realmente uma questão relevante para o ser humano atual. Só que é algo muito diferente do que entende por felicidade um abastado e um pobre, por exemplo. Dá a impressão que o ser humano do Documento é um sujeito abastado, cansado e vazio da aventura tecnológica e consumista, em crise de sentido, em crise existencial (n. 2). Para os pobres a crise é de sobrevivência, não de existência. (...) O ser humano do Documento, enquanto não tem rosto concreto de índio, negro, mulher, operário, desempregado, sem-terra e sem-teto, jovem, criança etc. e, seu desejo de felicidade, enquanto não tem objeto palpável como pão, casa, educação, trabalho, saúde, acolhida etc., permanece mais essencial que existência.*⁶

Indício de que a preocupação de fundo é a visão do mundo, a maneira de entender a vida humana, a história, o cosmo. E ainda: a crise no processo civilizacional tem como causa primeira a *razão moderna* e as *ideologias por ela segregadas*. O projeto da modernidade com a ciência experimental foi incapaz de oferecer ao ser humano razões para viver e de dar unidade ao existencial humano.

1.3. Mutação religiosa

Por fim, um terceiro aspecto que tem abalado a estruturação da sociedade   a *muta o religiosa*.⁷ Contra as previsões dos que apostavam na *morte de Deus*, emergiu o fen -

⁶ Cf. A. BRIGHENTI, O documento de participa o da V Conferência. Apresenta o e comentário analítico. Em *ENCONTROS TEOLÓGICOS*, 42 (2005), pp. 128-129.

⁷ Cf. C. PALÁCIO, O cristianismo na América Latina, op. cit., pp. 177-181.

meno do *retorno do sagrado* ou a *revanche do sagrado*. A experiência no mundo moderno de uma *in-transcendência da vida* acabou prejudicando a realização mais profunda do ser humano. Nenhum ser humano pode abafar completamente a sede de Deus.

O campo religioso na atualidade é invadido por ofertas religiosas de toda índole que prometem felicidade fictícia e mágica, prosperidade material e felicidade imediata. Emergindo, concomitantemente, por um lado, uma experiência religiosa *light*, e por outro, os fundamentalismos.

O teólogo Clodovis Boff afirma:

A volta às fontes espirituais da Igreja, tanto no campo da teologia quanto no da pastoral, corresponde de fato às demandas mais profundas de nossa realidade epocal. Tais demandas dizem justamente respeito à questão de sentido e em particular à experiência de sagrado. Desse modo, dá-se hoje uma feliz conjunção entre os imperativos da fé e os anseios dos tempos, uns e outros se exigindo reciprocamente. Essa super-posição configura um kairós promissor, que a Igreja não pode, de modo nenhum, deixar de aproveitar. Falamos, com efeito, do deslocamento de acento porque está passando nossa época que tirou do alto da agenda histórica o tema do social em proveito do religioso. Passamos da vigência do político para a vigência do espiritual (com todas as ambigüidades que este termo carrega). Flertando com as manias discursivas do momento, já se disse provocatoriamente que entramos em tempos pós-libertação. Tal deslocamento pode ser singelamente assim expresso: em Medellín/Puebla se dizia: Não só matar a fome de Deus, mas também a fome de pão; hoje o acento já é outro e se diz: Não basta matar a fome de pão; precisa ainda matar a fome de Deus. Essa é, portanto, o que chamamos a realidade de hoje, o grande sinal dos tempos. E esse também há de ser hoje o ponto de partida da pastoral da Igreja do Continente...⁸

⁸ Cf. C. BOFF, *Re-partir da realidade ou da experiência de fé? Propostas para a CELAM de Aparecida*. Em *REB*, 67 (2007), p. 20.

⁹ Cf. C. PALÁCIO, *O cristianismo na América Latina*, op. cit., pp. 178-181.

Isto nos ajuda entender a metamorfose do religioso na sociedade contemporânea e procurar compreender o deslocamento do social para o religioso é possível, captando-se a interação entre os três fatores responsáveis por essas mudanças:⁹

1.3.1. O fator da virada antropocêntrica da modernidade

Com a secularização e a experiência de autonomia e de liberdade na experiência humana, vai surgir uma transformação na relação do ser humano com a transcendência. No mun-

do moderno, na medida em que se alarga a dimensão intelectual do ser humano, verifica-se progressiva perda da função da religião. *A distinção, antes tão nítida, entre a Causa Prima (Deus) e as causae secundae (criaturas) tende a ser superada. Parece que as causas segundas se tornaram autônomas e predominantes, não permitindo a percepção da presença e atuação da Causa Primeira. A pesquisa científica e a planificação técnica parecem levar a essa independência. A atuação de Deus tão transparente para o homem medieval, ficou cada vez mais opaca, para muitos modernos. E, assim, tanto a natureza quanto a história perderam a transparência manifestadora do agir divino.*¹⁰ Aparece uma necessária distinção e separação entre as esferas social e religiosa. A sociedade agora tem autonomia para se organizar em diferentes campos (política, economia, cultura, etc.) segundo os critérios estabelecidos por ela. E mais. Com a virada antropocêntrica o ser humano se apresenta *como absoluto de toda a realidade, princípio e fundamento do que é bom, do que tem valor, do que pode ser admitido e do que deve ser rejeitado. Em outras palavras, o ser humano não só se entende a partir de si mesmo mas se funda em si mesmo. E, por isso, pode dispor plenamente de si, do mundo e da história. Esta inflexão de todo o dinamismo humano para dentro da história não podia deixar de ter conseqüências na construção do sentido da vida.*¹¹ Enfim, esse primeiro fator revela uma das razões da crise pela falta de sentido na vida, e ao mesmo tempo elucida um primeiro aspecto da mudança na esfera religiosa.

¹⁰ Cf. A. GARCÍA RUBIO, *Unidade na pluralidade*. São Paulo, Paulinas, 1989, p. 28.

¹¹ Cf. C. PALÁCIO, *O cristianismo na América Latina*, op. cit., p. 178.

1.3.2. O retorno do religioso na sociedade atual

Ocorre uma efervescência de experiências do sagrado sob formas heterogêneas jamais vista. Ao mesmo tempo pode-se afirmar que essa manifestação tenha relação com a crise de sentido que afeta as pessoas, as famílias e a sociedade. No retorno do sagrado procura-se dar respostas às questões fundamentais da vida, do sentido, da morte e do amor. Mas há que constatar que essa emergência do sagrado *não equivale necessariamente a reencontro com Deus*. O fenômeno revela além da novidade uma ambigüidade. *O sagrado é reconstruído, de maneira muito subjetiva, numa simbiose contraditória de horizontes e perspectivas na qual é possível encontrar ciência, filosofia, gnose, religiões orientais, esoterismo, ocultismo e até as formas religiosas mais arcaicas. É essa diversidade toda que costuma ser agrupada sob a cômoda denominação de novos movimentos religiosos.*¹² Com retorno heterogêneo se dá o segundo aspecto para compreender a transformação religiosa.

¹² Idem, p. 179.

1.3.3. A experiência do pluralismo religioso

Não há dúvida de que se vive na atualidade uma interação, uma aproximação e um encontro entre as religiões. Nessa experiência *a aparente univocidade da linguagem (divino, transcendência, Deus, realidade última, experiência mística etc.) esconde experiências diferentes de Deus, da relação do sujeito com Deus e com o mundo, da salvação etc. que não são intercambiáveis*.¹³ Na verdade rompeu-se o mito da religião única, verdadeira e revelada! Tudo aponta para a necessidade de se trabalhar partindo do ecumenismo, o diálogo inter-religioso e o diálogo com o não-crente.

¹³ Idem, p. 180.

A partir dos três elementos apresentados (o aspecto sócio-econômico, a mutação cultural e a transformação religiosa) fica a questão: que esperanças se podem alimentar diante da V CELAM?

2. ESPERANÇAS DIANTE DA CONFERÊNCIA DE APARECIDA

Partindo de que é possível ter algumas esperanças diante da Conferência de Aparecida, a seguir se procurará apresentar três fundamentais esperanças de acordo com meu ponto de vista. Esperanças que se apresentam dentro das expectativas positivas que podem ser cultivadas em torno da Conferência, sempre considerando que não se pode esquecer que as decisões do episcopado latino-americano e caribenho serão pensadas, produzidas e assumidas, à luz do Espírito e das condições humanas, institucionais e societárias do momento histórico. Essas realidades são decisivas quando se pensa em apontar algumas esperanças.

2.1. Resgatar e recompor a experiência do Seguimento

Sempre que a Igreja ou o cristianismo tem vivido um momento de crise as pessoas mais lúcidas têm buscado aprofundar a experiência de Deus, a mística cristã, o compromisso de Jesus de Nazaré.¹⁴ Pelo fato de estarmos vivendo um momento difícil como cristãos(ãs) e como Igreja na sociedade contemporânea, devido aos grandes desafios vindos da revolução cultural onde tudo é relativo, provisório, efêmero; da exclusão da maioria do povo de uma vida digna e justa; da idolatria do Mercado — pelo fato da visão de que *fora do Mercado não existe salvação*; da globalização neoliberal que fomenta a voracidade consumista, o desinvestimento no próximo, o cultivo do interesse próprio, o ressentimento e o desejo mimético, etc.,

¹⁴ Cf. J. SOBRINO, La centralidad del Reino de Diós anunciado por Jesús. Em *REVISTA LATINOAMERICANA DE TEOLOGIA*, 68 (2006), pp. 153-158.

parece ser fundamental voltar a cultivar o Seguimento. Em definitivo, Jesus é quem poderá refontalizar e revigorar a Igreja e a experiência cristã, vale dizer, no Seguimento de Jesus (sem reducionismo cristológico que leve a fanatismos, lei sem espírito) é que se pode testemunhar o ser cristão.

Em verdade, é do Mestre Jesus e só d'Ele que arranca toda a missão da Igreja. De fato, o discipulado precede a missão. É a lógica do próprio Evangelho: Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens (Mc 1,17). Ele constituiu Doze para que andassem com Ele e mandá-los a pregar (Mc 3,15). Portanto, a primeira coisa que a Igreja precisa sempre fazer é retornar à escola de Jesus, como eterna discípula do único Mestre. É voltar da fronteira para o centro, para depois retornar à fronteira. Poder-se-á, porém, perguntar: não são estas razões auto-evidentes e como que axiomáticas? Desde quando a Igreja deixou de se entender a partir de Cristo? A prioridade da fé, como fundamento de toda a missão da Igreja, inclusive da opção pelos pobres, é algo absolutamente inquestionável. Essa é literalmente (e rigorosamente) uma questão de princípio, que se dá por pressuposta e que não é necessário discutir. Por isso mesmo, simples razões de princípio não justificam (antes pelo contrário) que se coloque na cabeça da agenda da V Conferência a questão da fé ou da espiritualidade... Em resposta há que dizer que a fé não pode, em absoluto, ser simplesmente dada por descontada, nem do ponto de vista humano, pois ela precisa ser reconquistada cada dia contra a natural tendência humana para a incredulidade; e nem do ponto de vista social, pois ela precisa ser continuamente recuperada contra a atual cultura secularizante. Há, pois, aí um risco duplicado de se olvidar a Cristo, de modo que a Igreja precisa continuamente ouvir a advertência do velho Paulo ao fiel Timóteo: Lembra-te de Jesus Cristo (2Tm 2,8). Por isso, importa exercer sempre o ressourcement, isto é, voltar às fontes. Ora, as fontes da Igreja são o mistério de Cristo e, mais profundamente ainda, o mistério trinitário. É daí que a Igreja tira toda a sua força para sua missão na história. A Igreja tanto mais avança rumo ao futuro quanto mais fielmente volta às fontes.¹⁵

O Espírito é a força de Deus que nos coloca na trilha do ser verdadeiro seguidor, ou seja, *filhos no Filho*. Enfim, o Seguimento de Jesus nos coloca as seguintes exigências: *seguir Jesus na vida* (Paixão pelo Pai e amor aos pobres, pequenos e oprimidos);¹⁶ *seguir Jesus no Critério do Reino* (proposta de vida onde as relações humanas, sociais e ecológicas, se regem pela

¹⁵ Cf. C. BOFF, *Re-partir da realidade ou da experiência de fé?* op. cit., pp. 16-17.

¹⁶ Mt 25; Lc 4,20.

¹⁷ Mt 5,1-12.

justiça, solidariedade, defesa da vida, reconciliação, etc.); seguir Jesus em seu destino (experiência do verdadeiro despojamento, entrega martirial e bem-aventurança dos perseguidos).¹⁷

O futuro do cristianismo (e de uma Igreja misericordiosa, viva e profética na América Latina e no Caribe) é impossível de ser visualizado sem levar-se em conta o *excesso* que deverá constituir-lo: *a referência à pessoa de Jesus Cristo como critério permanente do que é cristão e do que é dado aos cristãos viver em cada momento. Esse excesso, essa reserva de ser, introduzem no cristianismo uma tensão criadora que nos liberta da tirania do passado (com a suas tendências a absolutizar certas traduções históricas do cristianismo), torna possível instaurar uma crítica corajosa do cristianismo atual, e permite-nos pensar o futuro não apenas como projeção do presente que aí está (ou com sua prolongação corrigida) mas como verdadeira invenção criadora de algo novo e inédito.*¹⁸

¹⁸ Cf. C. PALÁCIO, O cristianismo na América Latina, op. cit., p. 195.

A experiência cristã na Igreja e nesse mundo globalizado neoliberal e (pós)moderno tem que ser seivada desde a fé e a esperança nas promessas de Deus. A esperança na palavra fiel e na presença real do Deus de Jesus Cristo na história é que dá coragem, força e ousadia para seguir resistindo e lutando diante de tantos desafios que atravessam a humanidade. A esperança nos arranca da incerteza, da desilusão e do comodismo, e nos coloca numa atitude de paciência histórica, de *esperar contra toda esperança* (Rm 4,18) e de compromisso responsável frente às dificuldades. A Igreja, cortada da Palavra e da esperança, ela se desfigura, perde o vigor.

¹⁹ Cf. L. BOFF, *Mestre Eckhart. A mística de ser e não ter*. Petrópolis, Vozes, 1983, p. 15.

²⁰ *A mística em si mesma é libertadora. Ela rompe com os esquemas montados pela vontade de poder e de organização, seja da religião, seja da sociedade. O místico, por natureza, é um criador e não um mero reprodutor do capital religioso. Em razão disto, todo místico padece as suspeitas e os controles das instituições porque a legitimidade de sua experiência não provém dos critérios estabelecidos mas pela verdade intrínseca do que experimenta e testemunha. O místico invoca Deus e não as autoridades religiosas como o garante de sua verdade.* Cf. L. BOFF, *Mestre Eckhart*, op. cit., p. 43.

A esperança é alimentada também pela experiência mística. Pela mística se *consegue ver na história e em todas as articulações da existência humana este fio condutor divino que tudo une, tudo ordena e tudo eleva.*¹⁹

Para o místico, o ordinário do cotidiano e da história se constitui, por excelência, lugares do encontro, da comunhão com o Senhor. Por isso, exigem-se espíritos não medíocres, não distraídos, não acovardados e não medrosos. Ademais, por esse caminho místico não se vê o mundo *a partir do mundo, mas a partir de Deus, em Deus, com Deus e para Deus*. O que contribui para uma experiência não alienadora, totalitária e opressora.²⁰ E ainda: pela mística, aquele fogo interior que alenta as pessoas e as comunidades cristãs, permite que todos possam manter a soberania, a dignidade e a serenidade diante dos equívocos e fracassos; além de contribuir para que todos mantenham uma abertura curiosa à realidade, uma sabedoria para redimensionar os compromissos diante da riqueza das experiências e uma sensibilidade face aos limites do conhecimento e de toda prática.

O Seguimento é possível com o testemunho da fé cristã. Sem a fé se perde o espírito contemplativo, a atitude de uma fidelidade rebelde, o encantamento diante da realidade, a humildade e a experiência do êxodo. Pela fé se dá uma visão contemplativa da realidade. Ela é luz que ajuda desvelar presenças e dimensões que sem ela permaneceriam ocultas.²¹

²¹ Hb 11,1.

*Também a fé cristã, na verdade muito mais do que crer o que não vemos, é a teimosia de não crer o que vemos, ou seja, que a realidade desfigurada seja a última palavra. Precisamente porque esperamos, porque acreditamos no excesso do real. A esperança cristã, assim entendida, nos faz levar a sério o presente que nem os condicionamentos do passado, nem as incoerências do presente, podem nos remover da certeza de um futuro novo. Porque o presente é mais, pode dar mais de si, do que ousam afirmar as nossas análises. Para o cristão, a história, e, portanto, o futuro, está entregue à responsabilidade do homem, sim, mas não tem nele o seu fundamento. Porque a história de Deus com o homem começa com uma promessa que abre o presente para uma realização e uma plenitude inesperadas.*²²

²² Cf. C. PALÁCIO, O cristianismo na América Latina, op. cit., p. 195.

Não há dúvida que sonhar com uma Igreja latino-americana e caribenha que seja atualizada e aberta aos *sinais dos tempos*, solidária com os últimos da história, compromissada com a causa das minorias discriminadas, aberta à pluralidade religiosa da sociedade, atenta à revolução cultural e suas consequências... aponta para uma mística do Seguimento a partir das atitudes do Mestre-profeta-caminho-verdade. Atitudes que lembram: encarnação, liberdade de pobre, atitude de noivade, fidelidade no serviço, comunicação e acolhida, esperança na força do Espírito, conflitividade como fruto da liberdade e da pobreza, da profecia e da honradez ao real.²³ Qualidades que devem ser trabalhadas com todo o Povo de Deus (os Pastores, fiéis, agentes das pastorais), em vista de uma recristianização das vidas pessoais e da própria instituição. Realidade que deverá favorecer outra presencialização no seio da sociedade.

²³ Cf. P. CASALDÁLIGA, *El vuelo del Quetzal*. México, CEE-SID, 1989, pp. 67-68.

2.2. Conquista da opção básica e inegociável: a Opção pelos pobres e excluídos

Com a questão do deslocamento da preocupação com o social, o econômico para o cultural, o religioso e a categoria de gênero no âmbito societário e em algumas ciências, fica a tarefa de se trabalhar para manter a opção pelos pobres. Sobretudo diante de uma globalização neoliberal excludente e antropófaga — onde o pobre não é sujeito histórico e político. Concomi-

²⁴ *Nossos Bispos em Aparecida não deixarão de retomar a opção preferencial pelos pobres. Pois, como existe o perigo permanente do olvido de Cristo, assim também existe o risco do olvido do pobre. Sim, também a causa do pobre tem que ser continuamente ganha contra nossa tendência natural a fechar-lhe as entranhas (1Jo 3,17) e contra a ideologia sociedade moderna, que, ao contrário do que proclama o Magnificat, eleva os poderosos e rebaixa os humildes (cf. Lc 1,52). A V CELAM, porém, reafirmará a referida opção com uma legitimação renovada, a saber: partindo, mais uma vez, da fé em Cristo e no vigor da mesma. É o modelo da decorrência. Os cristãos optam pelos pobres por causa de Cristo. A opção pelos pobres não é fundante, mas fundada. Cf. C. BOFF, Re-partir da realidade ou da experiência de fé? op. cit., pp. 31-32.*

²⁵ Cf. J. SOBRINO, La centralidad del Reino de Dios anunciado por Jesús, op. cit., p. 146-153.

²⁶ Cf. Lc 4,18; ...o deficit eclesiológico do Documento se expressa sobretudo no eclipse de Reino de Deus, que não aparece uma única vez em todo o Documento. Aliás, aparece uma única vez, mas não em relação com a Igreja e sim com Jesus, e ainda citando o prefácio da solenidade da festa de Cristo Rei (n. 6). A Igreja se liga diretamente a Cristo e prolonga sua missão, como se Jesus tivesse pregado a si mesmo. Uma Igreja sem Reino de Deus é uma Igreja fora e sobre o mundo, centrada em si mesma, proprietária de todos os meios da salvação. A. BRIGHENTI, A missão evangelizadora no contexto atual, op. cit., p. 130.

²⁷ Cf. Documento de Puebla. São Paulo, Paulinas, 1987, n. 1142.

tantemente no interior da Igreja vive-se uma experiência de neo-conservadorismo e do fundamentalismo, o que pode contribuir para um detrimento da opção pelos pobres. Apesar do *otimismo* de alguns teólogos, dentro de algumas ponderações,²⁴ é importante dizer que a opção pelos pobres é um *eixo teológico* e teologal inegociável, indeclinável, e que deve ser reavivado. Apesar de que essa opção pelos pobres já foi *interiorizada* pela Igreja, não esquecendo, porém, a matização que recebeu nas Conferências de Puebla e de Santo Domingo, há que seguir resistindo, repondo e reconquistando essa opção que já é uma tradição nas Conferências de Medellín a Santo Domingo.

Penso que em Aparecida deve-se, e essa é nossa esperança, aprofundar e retomar corajosamente a opção pelos pobres e excluídos. Sem considerar que já é algo claro, *aceitado* e praticado.

A discussão deveria partir da centralidade do empobrecido no cristianismo.²⁵ Por quê? Fica complicado na atual sociedade pensar uma re-cristianização ou re-evangelização da Igreja sem partir da vida, do (sub)mundo e do sonho do pobre. Se essa opção foi central em Medellín, na Teologia da Libertação e em muitos compromissos dos cristãos, é porque se compreendeu que sem ela não existe *cristianismo jesuânico*. E ainda: mesmo sabendo que no *Documento de Participação* a eclesiologia é apresentada sem referência ao Reino, e que não se pode falar do Reino sem falar dos pobres,²⁶ torna-se fundamental voltar a tratar a perspectiva antropológica, eclesiológica e missionária desde o lugar dos pobres. Isso por, pelo menos, dois motivos:

2.2.1. A razão teologal e a profundidade da opção pelos pobres

Quando se diz que é teologal quer dizer que o próprio Deus toma partido do pobre defendendo-o, amando-o incondicionalmente.²⁷ Praticar essa opção de Deus não é fácil na atual conjuntura, é ir contra um modelo de vida idealizado e promovido pelos poderes do mundo; é correr o risco da perseguição e do martírio. As adjetivações ou matizações (*preferencial, mas não exclusiva, nem excludente*) colocadas junto à expressão opção pelos pobres, já revelam o temor, o ortodoxo. Forma de querer suavizar a exigência de radicalidade. A profundidade da opção surge sobretudo quando se procura falar de um Deus que opta pelos pobres, que quer libertação dos excluídos, diante de um contexto de pauperização da vida da maioria.

2.2.2. Sem os pobres não se pode salvar

Num mundo globalizado como o atual, onde tudo é pensado a partir da nova burguesia, há que entender que só assu-

mindando a causa dos pobres se pode chegar a uma civilização solidária e de paz. Se a humanidade sonha com um mundo mais humano e justo, não existe outro caminho: do mundo dos pobres vem a salvação (*extra pauperes nulla salus* — Jon Sobrino). Pensar que da abundância, do desprezo e abandono dos pobres vem a salvação é puro engano. Já disse D. Pedro Casaldáliga: *Fora dos pobres não há salvação, fora dos pobres não existe Igreja, fora dos pobres não existe Evangelho*. Os não-pobres podem também contribuir na re-criação da Igreja ou sociedade, desde que estejam em sintonia com o sofrimento, as lutas e os sonhos dos pobres e excluídos. Na Igreja e na sociedade sempre tem existido pessoas engajadas e proféticas nesse compromisso com os últimos da história.

Lógico, a Igreja não existe só para os pobres, senão que através deles se pode encontrar um *princípio interno de inspiração e de configuração cristã*. Ou seja, é entender que o Espírito de Jesus está presente entre os pobres, e que a partir deles se pode re-evangelizar a Igreja na sua totalidade — para ser con-descendência, a trans-cendência se fez trans-descendência,²⁸ como também a partir dos pobres se pode trabalhar por uma nova civilização.

Enfim, a esperança que se alimenta é que na V Conferência se possa levar a sério uma reflexão, um diálogo, um compromisso onde os pobres continuam sendo lembrados como critério de análise, de sentido para a missão, de opção eclesial e de realidade concreta para uma re-estruturação da sociedade. Desde o *reverso da história* se pode re-verter essa história latino-americana e caribenha de tanto sofrimento.

A tradição eclesial que se reivindica da Conferência de Medellín e que tem na teologia latino-americana sua inteligência reflexa da fé situa-se a partir do reverso da história. Não com aqueles e na perspectiva dos que fazem a história de exclusão de ontem e de hoje, mas sim daqueles que a padecem. Uma Igreja dos pobres, para que seja a Igreja de todos, como dizia João XXIII, implica uma mudança radical no modo como o Ocidente tem tratado o outro, o diferente, em sua lógica ora de assimilação, ora de rejeição. Uma missão universal implica romper com o eurocentrismo, os etnocentrismos e os regionalismos, para poder testemunhar um Evangelho Boa-Nova de salvação para todos. Urge superar qualquer resquício e muito mais sonhos quiméricos de uma mentalidade de Cristandade e entrar na idade da razão comunicativa, dialógica, respeitosa da alteridade, vista não como imperativo ético, mas como dimensão sabática da existência, horizonte de novas possibilidades. Não reencantaremos os céticos e críti-

²⁸ Cf. J. SOBRINO, La centralidad del Reino de Dios anunciado por Jesús, op. cit., p. 150.

cos do cristianismo, muito menos a Igreja dos pobres, com a volta às velhas seguranças do passado, muito menos um entrincheiramento identitário ou uma redogmatização da religião.²⁹

²⁹ Cf. A. BRIGHENTI, *A missão evangelizadora no contexto atual*, op. cit., p. 34.

2.3. Acreditar e construir a utopia: Um Outro Mundo é Possível

Uma outra esperança parte do potencial de sonhos e de ética que a Igreja poderá manifestar diante da utopia de *Um outro mundo é possível*. Utopia apresentada no Fórum Social Mundial em janeiro de 2002, na cidade de Porto Alegre.

³⁰ Cf. J. M. CASTILHO, *A utopia seqüestrada*. Em *CONCILIUM*, 308 (2004/5), pp. 33-41.

Entendendo por utopia, desde a *consciência utópica*,³⁰ ou seja, por um lado, a crítica em relação à globalização neoliberal excludente, ao Mercado totalitário e à cultura narcisista, privatista, realidades que causam a morte de milhares de seres humanos todos os dias, e por outro lado, a proposta de sonhar construindo o que deveria existir.³¹ Ou ainda: viver a utopia significa ter um *horizonte de sentido* que contribui para uma crítica do mundo atual e, ao mesmo tempo, possibilita trabalhar projetos sociais alternativos. Ademais, frente a um contexto societário como o latino-americano e caribenho, viver na sociedade sem utopia é presenciar uma sociedade sem esperança. É testemunhar *uma sociedade na qual alguns, os privilegiados, concentram suas aspirações em não perder o que têm, enquanto que a grande maioria, os marginalizados e excluídos, não passam do desesperado desejo de sobrevivência, expressão mínima do instinto de conservação*.³²

³¹ *...se não criticamos o mundo que temos, nem fazemos propostas sobre o mundo que deveria existir, isto é, se o que rege nossas vidas e nossos projetos não é a razão utópica, esse estado de espírito, essa forma de pensar e de sentir, viria colocar em evidência que nos sentimos bem como estamos, ou seja, estamos satisfeitos com a atual ordem que nos impuseram e que aceitamos de bom gosto. Por outro lado e como é lógico, de gente satisfeita com o que tem não se pode esperar nenhuma mudança. Os satisfeitos defenderão com unhas e dentes que outro mundo não é possível ou, em outras palavras, eles defenderão que o melhor mundo possível é o que estamos desfrutando agora mesmo.* Cf. J. M. CASTILHO, *A utopia seqüestrada*, op. cit., p. 33.

³² Idem, p. 37.

Numa dinâmica de sociedade para a qual não existe alternativa e onde se corre o risco de absolutizar a ordem sistêmica imperante, é de suma importância uma utopia humanizadora da vida e de sustentabilidade para a própria sociedade. Por isso, *a princípio, sempre podemos e devemos afirmar que um outro mundo e um outro sistema econômico são possíveis. Podemos afirmar, pois isso é um fato histórico e social na medida em que todas as formas de sociedade e economias, como todas as instituições humanas, são situadas historicamente e têm início e fim. Além de ser uma constatação factual, devemos sempre anunciar que um outro mundo é possível, pois esquecer isso significa absolutizar o sistema vigente. E sistemas sociais que são tratados ou se afirmam como absolutos — dizendo que não há alternativas a eles — convertem-se em ídolos e exigem sempre sacrifícios de vidas humanas*.³³

³³ Cf. J. MO SUNG, *Economia e espiritualidade: por um outro mundo mais justo e sustentável*. Em *CONCILIUM*, 308 (2004/5), p. 117.

Também se deve ser realista quando se trata de alimentar uma utopia. *Através do realismo histórico é possível perceber as limitações humanas, sociais, ideológicas e da própria natureza, para, assim, viabilizar um projeto social factível.*

*Quem luta por realizar desejos impossíveis comete erros que não lhe permitem construir um projeto alternativo possível. Esse reconhecimento dos limites da história e da condição humana não é algo fácil para nós, pois implica em desistirmos dos nossos sonhos mais belos de um mundo liberto de toda injustiça e opressão, um mundo sem vítimas. A existência de vítimas é o ponto de partida de todo profetismo e o critério para criticarmos todas as normas e sistemas sociais, mas — como diz E. Dussel — ‘a vítima é inevitável. Sua inevitabilidade deriva do fato de que é impossível empiricamente que uma norma, ato, instituição ou sistema de eticidade sejam perfeitos em sua vigência e consequência. É empiricamente impossível um sistema perfeito’. Essa impossibilidade se deriva do fato de que não podemos conhecer perfeita e plenamente todos os fatores que compõem a natureza e a vida social, nem possuímos velocidade infinita para gerir de modo perfeito esse sistema. Porque a vítima é inevitável, a ação profética é e sempre será necessária.*³⁴

³⁴ Cf. J. MO SUNG, *Economia e espiritualidade*, op. cit., p. 120.

Penso que a Igreja, dentro de sua especificidade ética, deve seguir firme numa crítica à absolutização do mercado capitalista, à idolatria da sociedade consumista e ao mito do progresso econômico que exigem e justificam a morte de milhões de vidas humanas e a destruição da natureza; além da necessidade de combater o desejo mimético de imitar o modelo de vida da elite e dos setores médios dos países pobres, além de combater a ilusão de que esse desejo leva à felicidade, mostrar que o mesmo só é possível à custa de muita exploração e sacrifícios humanos.

Terminando, é urgente a Igreja na V Conferência da Aparecida se posicionar a favor de uma sociedade econômica, cultural, social, ecológica e economicamente sustentável. Na conquista dessa sociedade factível, mais humana e justa com as pessoas e a natureza, é possível seguir sonhando com promoção e garantia de *vida plena* (Jo 10,10) e um futuro possível e melhor.

3. OS TEMORES DIANTE DA V CONFERÊNCIA

Por temores quer se falar das preocupações e dos *medos* em relação a omissões, silêncios, não compromissos, negligências em relação a alguns temas importantes e sérios quando se fala da realidade latino-americana e caribenha. Temas que se apresentam, cada vez mais, relevantes e preocupantes — sobretudo se quisermos pensar uma Igreja com plausibilidade, credibilidade e autoridade ética em nossa realidade; enfim, uma Igreja preparada para evangelizar o século XXI.

Com essa intenção, a seguir se abordarão (somente) três temas que são importantes.

3.1. Evangelização e mídia

Hoje existe uma preocupação nos meios eclesiais sobre como utilizar as tecnologias de informação para evangelizar, como ter uma pastoral mediática de acordo com as exigências atuais. Sendo que a questão de fundo é como evangelizar o Povo de Deus, e como contribuir para que a mensagem cristã seja conhecida pela sociedade secularizada e pós-moderna.

O problema é como relacionar evangelização e mídia. Ou não continuar reproduzindo determinada presença que queira passar simplesmente *conteúdos religiosos* ou ser o pastor um *showman*, e, em alguns casos, passando uma catequese desatualizada em relação aos desafios atuais.

*Há que se observar, em primeiro lugar, que a utilização ou recusa da mídia no trabalho evangelizador estão ligadas ao que se entende por evangelização. Confundir evangelização com pregação de cunho fundamentalista leva aos impasses apontados por Cox ao falar dos *rendneck preachers americanos*: o caráter soft do médium dissolve o conteúdo hard da mensagem. Olhando o canal católico, Rede Vida, o tom histriônico-tremendista do Padre Bruno Gambarini; o tom contido e professoral do Padre Carneiro; o ar compungido, piedoso, combinado à jovialidade dançante do Padre Marcelo Rossi, podem ser considerados evangelizadores? Quando aparecem fora da rede católica já são outro: há menos fusão entre o padre e o showman do que absorção do primeiro pelo segundo. Desaparece a intencionalidade, o significado profundo, fundante. O padre já está num mundo que gira em si e por si, que se alimenta e se retroalimenta num circuito de imagens auto-referentes. Um mundo que o redefine enquanto padre. Quando a apresentadora Xuxa diz que o Padre Marcelo Rossi é lindo, maravilhoso, define um modo de ser padre conformado à sua imagem e semelhança (dela, Xuxa). Sob esse aspecto quem faz televisão religiosa é a Rede Gospel, exatamente às custas da dissolução do conteúdo. A bispa Hernandez em bate-papo informal, carregado de fofocas, conselhos de beleza, saúde, conforto e bem estar associa Jesus e o emagrecedor X que produzem milagres. É preciso clareza quanto à compreensão do que se entende por evangelização. A referência é, sem dúvida, o Sínodo de 1975, do qual brotou a Evangelii Nuntiandi. Nela, Paulo VI insiste na idéia de serviço à*

*comunidade cristã e a toda a humanidade: levar a boa nova transformando o homem por dentro nos planos individuais e social (mudar as consciências, pessoal e coletiva, propondo, pelo testemunho e pela palavra, modos novos de ser e agir à luz de Jesus Cristo).*³⁵

Mas o problema maior é a incompatibilidade entre a mentalidade dos meios de comunicação e o evangelho. Não se pode, em nome de evangelização ou de procurar formar e informar os cristãos, cair no *fascínio da mídia*. O mundo mediático é atravessado por ideologias, interesses econômicos, perspectiva sócio-cultural que, em sentido negativo, pode contaminar a evangelização. Por isso, é importante discernir como a evangelização é afetada.³⁶ Em primeiro lugar, o mundo da mídia não é neutro e, em segundo lugar, sempre funciona pela lógica do poder e da economia.

*A questão do poder é evidente. Poder econômico em primeiro lugar, sem o qual nenhuma empresa de comunicação pode subsistir. Uma rede de TV só se sustenta e pode competir quando tem por trás um grupo econômico que a sustente. E a lógica do poder é aumentar o poder. Os MCS visam o lucro. O volume de dinheiro que circula para comprar espaços e fazer publicidade é o aspecto mais visível dessa lógica do lucro. Diante dela não há barreiras éticas. Tudo pode ser sacrificado aos interesses em jogo. Ora, essa mentalidade (que é um modo de ser e de proceder) está nas antípodas do evangelho. É possível anunciar o evangelho com métodos radicalmente antievangélicos? Essa contradição não pode ser eludida quando se trata de utilizar os MCS para evangelizar. Mesmo quando a Igreja é proprietária dos meios. E, mais ainda, quando ela embarca na mídia comercial. Nada escapa à lógica do lucro e do poder; tudo é contaminado por ela — mesmo as boas intenções e os temas mais puros e religiosos — ao ser assimilado e resignificado dentro do contexto dessa lógica voraz.*³⁷

E ainda: a evangelização pode ser desvirtuada pelo modo como o mundo mediático se apodera da realidade. A TV, por exemplo, decodifica o real e busca reconstruí-lo depois, selecionando o que lhe interessa em função de seus interesses. Importante é que o *fato* noticiado dê ibope. Daí uma preocupação quando se trata da mensagem do evangelho. O conteúdo do Evangelho é decodificado para ser transmitido a partir de outros códigos, por exemplo, o espetáculo.

Diante da mutação cultural, como exemplo, onde a matriz dos valores não é mais a do cristianismo, a qual determina a mídia em nível de antropologia, ética, etc., nasce uma questão

³⁵ Cf. L. R. BENEDETTI, *Evangelização e mídia: aspectos sociológicos*. Em *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, 34 (2002), pp. 319-334.

³⁶ Cf. C. PALÁCIO, *Do templo tradicional ao púlpito eletrônico. Considerações teológicas sobre evangelização e mídia*. Em *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, 34 (2002), pp. 301-318.

³⁷ Cf. C. PALÁCIO, *Do templo tradicional ao púlpito eletrônico*, op. cit., 304.

séria para a Igreja: ela (Igreja) consegue evangelizar realmente?, vale dizer, a partir dos meios de comunicação a Igreja conseguirá evangelizar a cultura moderna? Ou o que significa evangelizar um mundo, cada vez mais secularizado, plural e pós-cristão?

Mas por trás dessas questões existe uma outra que preocupa primeiro: o que se entende por evangelização? Se o sentido de evangelizar não é usar um meio (TV; rádio, etc) para apresentar *conteúdo de tipo religioso* (cerimônia litúrgica; acontecimento eclesial), então como anunciar a Boa-nova? Tudo indica que a Igreja deve se orientar pelo aspecto da vida, do humano... Com lucidez e sabedoria afirma o teólogo Carlos Palácio: *O anúncio e a missão da Igreja, hoje, para serem cristãos, i.é. para serem anúncio de Jesus e estar a serviço da sua missão, carecem de uma reconstrução do religioso cristão que não é o religioso natural nem uma religiosidade difusa mas é o humano re-ligado à sua origem em Deus. E por isso passa pelo humano, como a verdadeira fé cristã passa pela carne e pela humanidade de Jesus. Nesse sentido a evangelização da sociedade moderna começa quando a Igreja se faz samaritana do mundo atual, ajudando-o a recuperar a humanidade perdida e trabalhando lado a lado com ele na reconstrução do sentido.*³⁸ Ou seja, a Igreja há que ser sábia para apresentar uma outra visão da antropologia e outros valores fundamentais para a vida – nessa interação da evangelização e mídia. E diante de uma compreensão irreal e virtual da vida e da realidade é importante resgatar o princípio da *encarnação*. Na trilha da prática de Jesus a Boa-nova é conhecida na aproximação, identificação e compromisso com a vida do outro. Por isso, *o conteúdo do evangelho não ser virtual porque não pode ser descontextualizado. A Palavra se fez carne. Por isso a carne — essa frágil realidade humana — não pode faltar à palavra do anúncio. O meio não pode ser a mensagem. Do contrário, o evangelho se converteria em puro espetáculo.*³⁹

Finalizando, a Igreja corre o risco de continuar falhando na evangelização se não refletir e assumir com seriedade o desafio de saber articular bem o evangelho e as tecnologias de informação. Evangelização que pressupõe também uma formação de qualidade para compreender as grandes mudanças na sociedade. Caso contrário, a evangelização consistente e responsável continuará distante da práxis eclesial.

3.2. Biotecnologia e Bioética

Outro tema que não pode ser negligenciado vem do mundo das ciências biológicas, da revolução no campo da genética,

³⁸ Idem, p. 312.

³⁹ Idem, p. 313.

do poder da biotecnologia na agricultura, na reprodução humana e dos animais. Realidade que é fato com a produção dos transgênicos, com o *Projeto Genoma*, com a Reprodução humana assistida (FIV), com as pesquisas com células-tronco, com a clonagem, com novos métodos contraceptivos, com a transgenitalização, com o xenotransplante, etc.

Toda essa realidade se apresenta fascinante e preocupante.⁴⁰ Alguns cientistas tem manifestado preocupações ao pensar sobre *para onde vamos?*

*...a nova ciência levanta as mais complicadas questões da história da ciência. Ao reprogramar o código genético, não estaríamos arriscando uma fatal interrupção em milhões e milhões de anos de evolução? A criação artificial não poderia significar o fim da vida natural? A criação artificial não poderia significar o fim da vida natural? Receberemos os alienígenas num mundo povoado por clones, quimeras ou criaturas transgênicas? A criação, a produção em massa e a distribuição no atacado de formas de vida geneticamente engenheiradas causarão danos irreversíveis à biosfera, fazendo com que a poluição genética seja muito pior para a Terra do que a poluição nuclear ou petroquímica? Quais serão as conseqüências para a sociedade e a economia global o fato de patentes sobre seres concentrarem-se como propriedade intelectual exclusivamente nas mãos de algumas poucas corporações multinacionais? Como a patente sobre formas de vida afetarão nossas mais profundas convicções sobre a natureza sagrada e o valor intrínseco da vida? Qual será o impacto emocional e intelectual ao crescermos num mundo onde a vida é tratada como invenção e bem comercial? O que significará ser humano num mundo onde os bebês serão desenhados e personalizados geneticamente no útero e onde as pessoas serão identificadas, estereotipadas e discriminadas com base no seu tipo genético? Quais são os riscos de se tentar desenhar um ser humano mais perfeito? (...) A chegada da tecnologia da engenharia genética ao mercado precisa ser monitorada nos próximos anos, se quisermos minimizar os riscos para as gerações futuras e para todas as criaturas que nos acompanham na jornada da vida.*⁴¹

Além das grandes conquistas em prol da vida com mais saúde integral, não se pode descartar a força do biopoder,⁴² a falta de uma legislação para nortear determinadas pesquisas, o desafio do biodireito, a cumplicidade do Poder legislativo em relação a algumas empresas multinacionais, etc.

⁴⁰ Cf. CNBB, *Evangelização e missão profética da Igreja*. Novos desafios. São Paulo, Paulinas, 2005, n. 80, capítulo 4.

⁴¹ Cf. J. RIFKIN, *O século da biotecnologia*. São Paulo, Makron Books, 1999, p. XVII.

⁴² *Uma palavra composta pelas iniciais das principais tecnologias expressa muito bem o que está ocorrendo: BANG (bits, átomos, neurônios, genes). Isto significa: as tecnologias da informação controlam os bits; a nanotecnologia (que opera na escala de milionésimos de milímetros) controla e manipula os átomos; as neurociências cognitivas começam a controlar e a manipular os neurônios, e com isto a própria mente; as biotecnologias, interferindo nos genes dos seres vivos, passam a controlar e a manipular a própria vida. Ou seja, agora pode-se entender melhor o que significa biopoder e por que a bioética se tornou tão importante neste contexto. Cf. A. MOSER – A. M. M. SOARES, *Bioética*. Do consenso ao bom senso. Petrópolis, Vozes, 2006, pp. 57-58.*

Quando se procura entender o papel da Igreja Católica diante da revolução biotecnológica ou dos temas polêmicos de bioética, aí fica complicado. A Igreja tem dificuldade em dialogar com a sociedade (pós)moderna e os *cientistas de ponta*, em abrir-se, à luz de uma nova sensibilidade, à vida do povo e da nova realidade dos pobres com suas necessidades.

A bioética e, na atualidade, um terreno de conflito relevante entre os que invocam argumentos científicos e a Igreja Católica... O primeiro grande conflito foi estabelecido com o surgimento dos contraceptivos — essencialmente, a pílula contraceptiva que invadiu o mundo ocidental desde os anos 60. O problema surgiu porque essa pílula facilitava enormemente a contracepção. Era um método de fácil aplicação, barato, ao alcance das grandes massas. Surgiu no primeiro mundo, a pílula alcançou rapidamente também os outros continentes. Na América Latina, numa geração, ela reduziu a natalidade por mais da metade. Contra o pensamento da maioria da comissão nomeada por Paulo VI, este simplesmente condenou todos os métodos não naturais de contracepção. Neles estava naturalmente a pílula, que havia provocado a controvérsia. Essa condenação teve imensa repercussão. No primeiro mundo, a maioria das mulheres católicas rompeu com sua Igreja e, desde então, critica abertamente tudo o que vem do Vaticano em matéria de bioética. Na América Latina, as massas populares não tomaram conhecimento da proibição do Papa e muitos sacerdotes tiveram a sabedoria de não falar do assunto, de tal modo que não houve conflito, salvo em alguns setores das classes letradas. Depois vieram as controvérsias sobre o aborto, que se transformaram em problema político em quase todos os países de grande população católica — isso por causa das novas tecnologias que podiam levar ao aborto sem perigo para a gestante. Apareceram as disputas sobre a eutanásia, sobretudo porque houve controvérsias a respeito do fim da vida humana: quando se pode afirmar que uma vida humana terminou? Seria simplesmente quando o coração deixa de bater? E de novo houve um problema político e muitas controvérsias públicas.⁴³

As dificuldades da Igreja surgem pelo fato da mesma não repensar seus critérios ético-teológicos, seu paradigma naturalista,⁴⁴ suas visões de verdade perenes, imutáveis e divinas, seu método dedutivo, sua visão elitista e eurocêntrica. Analisando o *Documento de Participação* o enfoque metodológico utilizado é o Dedutivo. Postura metodológica que incide sobre os

⁴³ Cf. J. COMBLIN, *Quais os desafios dos temas teológicos atuais?* São Paulo, Paulinas, 2005, pp. 74-75.

⁴⁴ Para sustentar seu discurso, a argumentação católica dificilmente encontra apoio na Bíblia, na Igreja primitiva ou nos Santos Padres. Frequentemente recorre-se ao argumento da natureza. A ética cristã consistiria em respeitar a natureza, a ordem natural da vida humana — sobretudo no início e no fim, no nascimento e na morte. A sabedoria seria não intervir, mas deixar que a natureza faça seu percurso, ou seja, que as coisas se realizem sem intervenção por meio de técnicas inventadas pela mente humana. O argumento da natureza não tem base bíblica nem patristica. O conceito de natureza vem dos gregos. Porém, o que os filósofos gregos entendiam por natureza era o que eles podiam observar imediatamente, o que lhes era visível de modo imediato. Os antigos erraram em assuntos muito importantes. Ignoraram a ovulação e a fecundação, ou seja, toda a participação da mulher na origem do ser humano. Achavam que o papel da mulher era somente ser o recipiente que acolhia e fazia amadurecer a semente do ser humano depositada pelo homem. O corpo da mulher era compreendido como passivo. (...) Hoje surge a pergunta: o que é a natureza para o ser humano? O ser humano não é justamente chamado a se construir?. Idem, pp. 76-77.

conteúdos e, por isso, a perspectiva de como lidar com temas com os da bioética. Afirma o teólogo Brighenti:

*O método dedutivo que perpassa todo o documento veicula uma visão essencialista da verdade, sobre a qual não a história. Trata-se de uma verdade que não passa pela veracidade, ou seja, por sua comprovação histórica. Como a Igreja já a possui, a revelação é mais um depósito a ser guardado e comunicado, do que um mistério a ser continuamente perscrutado. É preciso não perder de vista que não é a Igreja que possui a Verdade, é a Verdade que a possui e a ultrapassa infinitamente. Do contrário, a missão consistirá basicamente e anunciar um Kerigma já compreendido, em que quase que ajuda mais o catecismo do que a Bíblia, pois esta, fora da instância do magistério, está à mercê das subjetividades e suas múltiplas verdades. Nesta perspectiva missionária, há um movimento ad extra, mas em vista de um ad intra, um movimento centrípeto, próprio da mentalidade de cristandade, em lugar de centrífugo, que supera o eclesiocentrismo.*⁴⁵

Tudo dificulta para se trabalhar uma bioética e uma postura em relação ao avanço da biotecnologia a partir dos desafios latino-americano e caribenho.

Partir da vida e da história do nosso povo, implica necessariamente, retrabalhar o objeto formal da bioética e descobrir temas novos e desafiantes no campo material da bioética.⁴⁶ O pesquisador V. Garrafa afirma:

*a partir dos anos 1990, novas perspectivas teóricas críticas emergiram no contexto da bioética. Esses questionamentos trouxeram para a pauta dos debates mundiais aspectos até então considerados apenas tangencialmente pelas abordagens tradicionais. Problemas persistentes constatados no cotidiano dos países periféricos — como a exclusão social e a concentração de poder; a globalização econômica internacional e a evasão dramática de divisas das nações mais pobres para os países centrais; a inacessibilidade dos grupos economicamente vulneráveis às conquistas do desenvolvimento científico e tecnológico; e a desigualdade de acesso das pessoas pobres aos bens de consumo básicos indispensáveis à sobrevivência humana com dignidade, entre outros aspectos — passaram a ser parte obrigatória da pauta dos pesquisadores que desejam trabalhar com uma bioética transformadora, comprometida e identificada com a realidade dos chamados países em desenvolvimento.*⁴⁷

Não se pode aceitar que milhões de vidas vulneráveis e excluídas sejam vitimizadas por um ordem social injusta cons-

⁴⁵ Cf. A. BRIGHENTI, O documento de participação..., op. cit., 111.

⁴⁶ Cf. GARRAFA, V. et alii, *Bases conceituais da bioética: Enfoque latino-americano*. São Paulo, Gaia, 2006; DINIZ, D. (Ed.), *Admirável nova genética: bioética e sociedade*. Brasília, UnB, 2005.

⁴⁷ Cf. V. GARRAFA, Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção. In GARRAFA, V. – PESSINI, L. (Eds.), *Bioética: poder e injustiça*. São Paulo, Loyola, 2003, p. 35.

⁴⁸ A tecnologia impulsionada pela crença amplificou exponencialmente a assimetria de poder desde o pós-guerra, tornando as relações totalmente desiguais. Saber e poder, associados, instituíram a Santíssima Trindade da nova crença imposta pela minoria dominante. O saber, a ciência, é o Pai. O poder, a tecnologia, é o Filho, corporificado nos artefatos tecnológicos que transformam, maravilham e atemorizam o cotidiano. E o Espírito Santo é a mão invisível que entre eles toca, com as garras do sistema econômico, os corpos e os espíritos. A eficácia santifica a crença nessa ideologia que conduz os rumos do saber e alimenta o poder da minoria dos habitantes do planeta. A associação entre a eficácia e o bem, e entre a ciência e a verdade, sustenta a exploração do sistema econômico e a opressão política. Idem, p. 43.

⁴⁹ Cf. L. BOFF, Duas utopias urgentes para o século XXI, In SUSIN, L. C. (Ed.), *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo, Paulinas, 2006, pp. 239-242.

⁵⁰ Idem, p. 241.

truída pela voracidade vampiresca do sistema.⁴⁸ E mais. O que está ameaçada não é só a vida humana, mas também todo o Planeta. Por isso se fala da *utopia da salvaguarda da Casa Comum*.⁴⁹ É tão séria e importante a temática da defesa do Planeta que se afirma: *ou nos salvamos todos ou perecemos todos. Tal urgência funda uma nova centralidade. A questão não é mais saber que futuro possui o cristianismo ou a teologia da libertação. A questão é saber que futuro possuem a Terra e a humanidade e em que medida a tecnociência, a Igreja e a teologia da libertação ajudam a assegurar um futuro de esperança para todos*.⁵⁰ Falar de bioética é também promover e defender um compromisso em salvar a Terra de uma destruição já anunciada, e quase sem retorno. Uma evangelização que não combate o aquecimento global, a poluição em todos os níveis, a salvação de todos os espécies de seres vivos, a sustentabilidade ecológica, não será uma verdadeira e séria evangelização.

Finalmente, não se pode descartar como tema importante e desafiador na evangelização da Igreja na América e no Caribe, a bioética e a revolução biotecnológica. Desse mundo surge, cada vez mais, questões que provocam conflitos entre as pessoas, na instituição eclesial e na sociedade. Mas ainda, quando ONGs, movimentos sociais e outros, reivindicam o direito da liberdade, da autonomia e da consciência para decidirem frente a questões polêmicas, nasce a responsabilidade de se dialogar e vivenciar uma atitude nova e atualizada. Como também a emancipação da mulher e das minorias exige um postura diferente em relação a determinados temas no nível da reprodução humana, da convivência.

Espero que em Aparecida se levem a sério a relevância, o poder e os desafios que emergem todos os dias desse mundo da genética, da bioética e da biotecnologia. Do contrário, a Igreja seguirá perdendo sua plausibilidade e eticidade nessa sociedade moderna.

3.3. Novas emancipações e seus desafios

Um outro temor passa pela enorme quantidade de experiências que nascem do mundo da afetividade, da família ou do matrimônio, de gênero, etc., vale dizer, como a Igreja vai se pronunciar a respeito de questões ligadas a esse mundo do *novo*, das novas reivindicações, dos novos sujeitos históricos, das novas organizações que trabalham com a categoria de gênero e com o aspecto pluri-étnico e pluricultural. Não dá para ignorar ou desconsiderar esse novo momento histórico!

Entender esse novo momento sócio-histórico é aprofundar a dinâmica democrática que se instaura na sociedade. A socie-

dade é construção na atualidade a partir de um processo democrático, o qual tem as seguintes características:⁵¹

3.3.1. *A luta pela democracia deve ser uma luta pela demodiversidade*

Não é possível trabalhar apenas com a forma de democracia liberal representativa. Há que incluir da democracia participativa, intercultural ou multicultural. Todos os povos e todas as culturas deverão ter o espaço de co-participação garantido na construção da democracia.⁵²

3.3.2. *Há que desenvolver critérios transculturais*

Estes devem permitir identificar diferentes formas de democracia e as permitam hierarquizar segundo a qualidade de vida coletiva e individuais que proporcionam. Importa favorecer um processo democrático considerando, não relações de poder, mas relações de *autoridade partilhada*. *A autoridade partilhada assenta na dupla lógica de reciprocidade entre o princípio da igualdade e o princípio do reconhecimento da diferença: temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza.*⁵³ Pensar na conquista de um processo de democratização é fundamental para os sempre discriminados, violentados e marginalizados na atual sociedade.

3.3.3. *A imaginação democrática*

Os processos de democratização têm de incluir a democratização das subjetividades;⁵⁴ na atual sociedade deve-se entender que a *democracia não tem um sujeito histórico*. *Na luta pela democracia de alta intensidade são sujeitos todos os que se recusam a ser objetos, ou seja, a serem reduzidos à condição de súditos.*

Implementar a democratização, nessa perspectiva apresentada implica levar a sério as reivindicações, os sonhos, as lutas dos que querem a cidadania (direitos humanos, afetivos, reprodutivos, familiares, sociais, religiosos, etc.) promovida e garantida. E pensando numa verdadeira democracia devem-se esquecer conceitos ultrapassados, que já não dão conta das complexidades envolvendo etnia, gênero, raça e classes da contemporaneidade. O conceito utilizado por alguns autores é o da *Multidão*.⁵⁵

Parte-se da idéia de que uma ação política orientada para a transformação e a libertação só pode ser conduzida na atua-

⁵¹ Basearemos, com liberdade, no estudo do sociólogo Boaventura de Sousa Santos. O autor apresenta quinze teses para o aprofundamento da democracia. Aproveitaremos três teses. Cf. B. SANTOS SOUSA, *O fórum social mundial: manual de uso*. São Paulo, Cortez, 2005, pp. 103-112.

⁵² Idem, p. 106.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ Idem, p. 112.

⁵⁵ Cf. M. HARTD – A. NEGRI, *Império*. Guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro–São Paulo, Record, 2005.

lidade com base na multidão. Multidão não é unificada, mantendo-se plural e múltipla. Ela (a Multidão) *é composta de um conjunto de singularidades – e com singularidades queremos nos referir aqui a um sujeito social cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade, uma diferença que se mantém diferente. (...) A multidão... embora se mantenha múltipla (singularidades plurais), não é fragmentada, anárquica ou incoerente. Assim é que o conceito de multidão também deve ser contrastado com uma série de outros conceitos que designam entidades coletivas plurais, como a turba, as massas e o populacho.*⁵⁶ A multidão pode ser considerada um social ativo, cuja constituição e ação não se baseiam na identidade ou na unidade, mas naquilo que têm em comum. E mais. A multidão, embora se caracterize por ser múltipla e internamente diferente, é capaz de agir em comum e de se governar.

⁵⁶ Como os diferentes indivíduos ou grupos que constituem a turba são incoerentes e não identificam elementos compartilhados em comum, sua coleção de diferenças mantém-se inerte e pode facilmente parecer um agregado indiferente. Os componentes das massas, do populacho e da turba não são singularidades – o que fica evidente pelo fato de que suas diferenças tão facilmente se esvaem na indiferença do todo. Além disso, os sujeitos sociais são fundamentalmente passivos, no sentido de que não são capazes de agir por si mesmos, precisando ser conduzidos. A turba, o populacho ou a plebe podem ter efeitos sociais – não raro efeitos horrivelmente destrutivos –, mas não são capazes de agir por conta própria. Por isto é que são tão suscetíveis à manipulação externa. Idem, p. 140.

Também o conceito de multidão se encaixa em uma ação em que entram os conceitos de gênero, de diferenças de identidades sexuais, de raça, etc.

Quando na sociedade deparamos com as reivindicações que apontam, por exemplo, para a defesa dos direitos reprodutivos e sexuais, para a homoparentalidade, para vários modelos de se constituírem as *famílias*, para a discussão da descriminalização ou da legalização do aborto provocado, está no momento de se posicionar desde uma visão democrática co-participativa, dialógica e respeitadora das diferenças e das subjetividades. Só indo, com lucidez crítica e ternura, ao encontro da Multidão que se organiza e mobiliza com firmeza, determinação e ética, é que se poderá pensar numa Igreja viva, sensível, humana e samaritana. Do contrário, a Igreja continuará na contramão da história.

Temo que na V Conferência de Aparecida não se reflitam seriamente e com ousadia questões ligadas a esse desafio de contribuir com uma democracia que inclua os sonhos e as lutas dessa Multidão.